

## **A DESCONSTRUÇÃO DO TRADICIONAL ATRAVÉS DE UMA NOVA PROPOSTA NO RIO DE JANEIRO: OS CAMINHOS DA EDUCOPÉDIA E DO GINÁSIO EXPERIMENTAL CARIOCA**

Patricia Maria dos Santos Santana <sup>1</sup>

**Resumo:** Uma nova proposta de ensino que se afasta do modelo tradicional de educação e que valoriza a sociedade da informação é a prática educativa que vem sendo testada por algumas escolas da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro através do Ginásio Experimental Carioca e da Educopédia. Mostrar um pouco desse trabalho desenvolvido com tanta riqueza de detalhes é a proposta deste artigo. Outro ponto essencial baseia-se no fato que como as tecnologias de informação não contemplam toda a sociedade é necessário criar estratégias que propiciem o acesso digital, promovendo, assim, a inclusão digital de forma mais democrática. E a educação, através das escolas, pode contribuir de maneira significativa para amenizar e reverter esse quadro de desigualdade no acesso.

**Palavras-chave:** GECs. Educopédia. Município do Rio de Janeiro. Educação.

**Abstract:** A new educational proposal that departs from the traditional model of education that values the information society is the educational practice which has been tested by some schools from municipality of Rio de Janeiro through Ginásio Experimental Carioca and Educopédia. The purpose of this article is to show a little this type of work developed with such details. Another essential point is based on the fact that as these technologies do not cover the whole society it is necessary to create strategies to provide digital access, thus promoting the digital inclusion in a more democratic form. And education through schools can contribute in a significant way to ease and reverse this process of unequal access.

**Key words:** GECs. Educopedia. Rio de Janeiro Municipality. Education.

*Ensinar não é transferir conhecimento,  
mas criar possibilidades para a  
sua produção ou a sua construção.*  
(Paulo Freire)

### **Introdução**

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) exercem um papel cada vez mais importante na forma de nos comunicarmos, aprendermos e vivermos. Há, atualmente, um desafio enorme em equipar essas tecnologias efetivamente de forma a atender aos interesses dos aprendizes e da comunidade de aprendizagem e ensino. A UNESCO acredita que as TIC podem contribuir com o acesso universal da educação, sua equidade e qualidade. Também podem aprimorar o desenvolvimento dos professores, a

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura Comparada pela UFRJ/ Bolsista CAPES.

gestão da unidade escolar e a administração educacional em âmbito geral, uma vez que se saiba fornecer a mistura certa e organizada de políticas, tecnologias e capacidades.

O uso de TICs na educação do Brasil, apesar de muito usada em determinados espaços de aprendizagem, ainda precisa ser muito melhorada. A competência dos professores em relação as TICs também precisa ser considerada. Um treinamento consistente deve ser dado para que se alcance resultados esperados. As TICs agem como um instrumento de ajuda. Elas são uma parte de um contínuo desenvolvimento de tecnologias, a começar pelo giz e os livros, todos podendo apoiar e enriquecer a aprendizagem.

Contudo, várias questões éticas e legais vinculadas à propriedade do conhecimento, ao crescente tratamento da educação como uma mercadoria, à globalização da educação diante da diversidade cultural, interferem no amplo uso das TICs na educação. Procurando soluções, a UNESCO coopera com o governo brasileiro na promoção de ações de disseminação de TICs nas escolas com o objetivo de melhorar a qualidade do processo ensino-aprendizagem, entendendo que o letramento digital é uma decorrência natural da utilização frequente dessas tecnologias. Por conta desse fato, o município do Rio de Janeiro saiu na frente e elaborou uma ideia inovadora quanto às questões das TICs e o ensino enfatizado das mesmas no universo da escola pública. E é isso que acompanharemos nesse trabalho ao falarmos da valiosa união da Educopédia com o GEC (Ginásio Experimental Carioca).

## **1. O Projeto Ginásio Experimental Carioca**

O Projeto Ginásio Experimental Carioca foi criado para recuperar o Segundo Segmento (antigo ginásio), que vai do 6º ao 9º ano. Segundo a secretária de Educação do Município do Rio de Janeiro, Claudia Costin, uma das principais causas do alto índice de reprovação na rede (39%) vem da deficiência que os jovens já trazem de series anteriores. O analfabetismo funcional, detectado em 28 mil alunos do 4º, 5º e 6º anos era um desses problemas. Por exemplo, em 2009, foram identificados 28 mil adolescentes como analfabetos funcionais. Do 3º ao 9º ano, existia uma grande defasagem de idade/série deles. E o município do Rio de Janeiro precisava começar a agir. Com o passar dos anos, a educação carioca foi se aproximando da educação dos estados mais pobres do Nordeste.

Entre estas mudanças, houve a modernização da gestão escolar com o estabelecimento de metas de desempenho com um sistema de incentivo para as escolas que cumprem ou superam tais metas, um processo de avaliação permanente com provas bimestrais, oferecidas pela própria prefeitura do Rio de Janeiro, com a intenção de verificar o cumprimento dos objetivos de aprendizagem ao longo do ano, avaliações bianuais do IDEB, produção de apostilas pedagógicas próprias, definição de currículo único, investimento na contratação de novos professores com uma política permanente de capacitação e a criação de uma plataforma digital que age como sistema de apoio educacional através da internet chamado Educopédia.

Em algumas escolas houve também a criação dos Ginásios Experimentais que especificamente apresentam horário integral para professores e alunos e a ampla utilização da nova tecnologia educacional Educopédia, sistema de ensino polivalente e a criação de novas modalidades de ensino como estudo dirigido, disciplinas eletivas, tutoria, etc. Uma proposta inovadora em relação ao que se podia pensar em termos de educação. Nos Gecs, os alunos se agrupam em diferentes anos de escolaridade e o professor atua de forma polivalente, agindo como espécie de tutor (Professores atuando por núcleo de conhecimento: Humanidades - Português, História e Geografia, Exatas - Ciências e Matemáticas, outros professores por áreas específicas – Educação Física, Inglês, Artes e Atividades Diversificadas (disciplinas eletivas)). A educação tem tempo ampliado e os alunos entram às 8h e saem às 16h, possuindo mais tempos de aula de Matemática, Português, Ciências e Inglês. Houve a criação de disciplinas eletivas que não existem em escolas regulares da rede, de reforço escolar por disciplina para alunos que necessitem feito em forma de estudo dirigido, salas temáticas, laboratório de ciências, laboratório de informática, biblioteca, quadra de esportes e, em algumas escolas, até piscina. Também há em cada GEC uma ampla Biblioteca com acervo atraente para cada faixa etária com grandes clássicos da literatura e material de pesquisa. O município obtém algumas parcerias com instituições privadas para manter esse projeto inovador que envolve os GECs e o projeto Educopédia.

Para a Secretaria Municipal de Educação (SME), as "Orientações Curriculares" têm a função de prever uma expectativa do que aos alunos do ensino fundamental precisam aprender a cada ano de escolaridade. Assim, sua grade estrutural é organizada

em objetivos, conteúdos, bimestre e sugestões de atividades pedagógicas que servem de referência para todas as unidades escolares da rede pública municipal do Rio de Janeiro.

A matriz curricular de todas as escolas da rede municipal do Rio de Janeiro antes da implantação do programa era de 4 tempos de Língua Portuguesa, 4 tempos de Matemática, 3 tempos de Ciências, 2 tempos de Língua Estrangeira e 2 tempos de Educação Física, 3 tempos de Geografia, 3 tempos de História e 2 tempos de Artes e 2 tempos de "CEST" (Centro de Estudos do Aluno) por semana e, nesta última, os alunos recebiam aulas livres onde, cada escola formava um conjunto de ações pedagógicas de acordo com suas necessidades: reforço escolar ou projetos pedagógicos, tendo um total de 25 tempos de aulas semanais. O "Ginásio Experimental Carioca" foi implantado com uma nova proposta da matriz curricular exatamente para garantir o bom desempenho dos alunos nas avaliações da Secretaria Municipal de Educação. As escolas transformadas em "Ginásios Experimentais Cariocas" tiveram apoio técnico-pedagógico do ICE (Instituto de Co-Responsabilidade pela Educação), parceiro da SME, durante processo de implantação do projeto, tanto na divulgação das diretrizes curriculares definidas para todos os "Ginásios" quanto na capacitação profissional de gestores e professores. As mudanças na matriz curricular dos "Ginásios Experimentais Cariocas" foram trazidas diretamente pelo ICE, tanto a proposta da nova matriz como uma nova distribuição dos horários das disciplinas do núcleo comum a todos os alunos das escolas públicas municipais e as referentes ao enriquecimento curricular, exclusivas para as escolas envolvidas no projeto. Os princípios norteadores do projeto são de "transferência de tecnologia de educação". O Programa Ginásio Experimental, da rede municipal carioca oferece aulas extras no contraturno escolar. Mandarin é uma das opções de língua estrangeira, além de artes, teatro, música e robótica para os alunos interessados na área científica. Alunos que gostam da comunicação podem escolher laboratório de jornal, literatura, cinema e ainda disciplinas na área de biomédicas como meio ambiente, saúde e veterinária. Os estudantes têm dois tempos de aulas de 100 minutos por semana. Os conteúdos programáticos são definidos pela SME através das "Orientações Curriculares" que tratam de todas as disciplinas do núcleo comum, onde, somente as disciplinas Língua Portuguesa, Matemática e Ciências passaram a servir de parâmetro para as "Provas Bimestrais", dentro do sistema de avaliação periódico promovido diretamente pela SME e que envolve todos os alunos das escolas municipais da cidade. É válido mencionar que

cada aluno do GEC além de ter o seu próprio armário, ganha um netbook para fazer as atividades escolares, permitindo, assim, uma verdadeira inclusão digital de todos eles ao navegarem na internet e receberem aulas pelo Educopédia.

## **2. O Projeto Educopédia**

O Educopédia tem função primordial dentro dos GECs por ser uma plataforma de aulas digitais de cada disciplina. Ele age como um reforço de aprendizagem nos Ginásios Experimentais. Incorporar a Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) nas escolas hoje em dia não é apenas uma necessidade diante de um mundo globalizado e que tem a tecnologia como grande instrumento facilitador do acesso imediato à informação, mas é também um enorme desafio diante das contradições da sociedade brasileira atual. Afinal, como é que tratamos a inclusão digital em um país que apresenta altos índices de analfabetos e de analfabetos funcionais, de acordo com o último censo? Ou como falar de inclusão digital em um país onde a maioria das escolas públicas sequer possui computador ou, quando o possui, o mesmo é apenas para os serviços burocráticos da unidade escolar? A cibercultura que chega com toda força nesse começo de século exige o uso contínuo do computador e da internet nas escolas e a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a LDB, desde de 1996, já assinalou a necessidade de alfabetizarmos digitalmente os alunos de todos os níveis de ensino.

O Educopédia é um projeto criado por professores da própria rede municipal do Rio de Janeiro considerando as Orientações Curriculares do mencionado Município. O projeto consiste em atividades que incluem temas, com as respectivas competências, divididas em 32 aulas digitais, por disciplinas, correspondentes às semanas do ano letivo. Vídeos, animações, imagens, textos e jogos estão inseridos nas atividades, seguindo um roteiro pré-definido em consonância com teorias metacognitivas. Uma característica importante dessa experiência é a integração do currículo com o material didático utilizado para apoiar o trabalho do professor em sala de aula. O material educativo online é disponibilizado para alunos e professores da rede pública de ensino da cidade, que podem consultar essas informações de qualquer computador e a qualquer hora, através do endereço eletrônico <http://www.educopeia.com.br>. Esta plataforma oferece estrutura acadêmica (aulas, atividades extras, instrucional para professores e gestores) bem como ferramentas de interação (chat, mural de mensagens), possibilitando canais de

comunicação entre os participantes, que podem ser selecionadas pelo professor de acordo com seus objetivos pedagógicos. A estrutura da navegação é dividida em duas linhas: na primeira, encontra-se o bloco de ferramentas relacionadas aos anos; na segunda linha encontram-se as ferramentas ‘Educação Infantil’, ‘Jovens e Adultos’, ‘Educação Especial’ e ‘Cursos para Professores’. O usuário pode selecionar o ano na ordem que desejar, onde encontrará aulas das diversas disciplinas, que em seu formato básico não podem ser alteradas pelo professor. Os ícones disponíveis na tela, após alunos e/ou professores escolherem o Ano, Disciplina, Aula e Atividade, possuem funcionalidades específicas: planejamento das aulas digitais com o roteiro das atividades propostas e orientações pedagógicas relacionadas aos conteúdos; Educoquiz (questões relacionadas ao conteúdo das aulas digitais) e a Educossíntese (síntese do conteúdo, para direcionar e colaborar com o professor na preparação das aulas); calculadora; dicionário (disponível no link [http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital](http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital)); caderno on line; mural e atividades extra.

Segundo os professores da rede municipal, a Educopédia é uma ferramenta importante que auxilia no processo ensino-aprendizagem, estimula o aluno motivando-o a aprender, enriquece e diversifica as atividades, tornando as aulas mais dinâmicas e atrativas. Os docentes utilizam a Educopédia em suas aulas presenciais em conjunto com explicações. Um aspecto relevante é o fato de que a Educopédia favorece a prática do professor em sala de aula uma vez que os relatos destacam acesso às principais ferramentas direcionadas ao uso docente: Plano de aula, Atividades extras e Educoquiz. As aulas digitais do projeto Educopédia pela sua essência e metodologia de construção permite a professores e alunos um caminho reflexivo, combinando experiências de vida, cultura e valores, encaminhando o educando à construção, não só do saber, mas a sua identidade social e cultural. Finalmente é importante ressaltar que a Educopédia se apresenta como uma importante ferramenta pedagógica, com potencialidades para redesenhar e buscar eficiência no processo de aprendizagem.

### **3. Uma sociedade modificada e a necessidade de repensar a educação**

Pensadores e historiadores como Manuel Castells (2002), um dos maiores representantes dos estudos sociais a partir das novas tecnologias, afirma que a sociedade está passando por uma revolução informacional que pode ser comparada às grandes

guinadas da História mundial. Sem dúvida nos dias de hoje a palavra em voga é *inclusão*: inclusão social de pessoas portadoras de necessidades especiais, chamadas também de “deficientes”, nas escolas e nos esportes; inclusão de indivíduos menos favorecidos, economicamente falando, dentro de um contexto social digno; inclusão de alunos oriundos de determinadas etnias na vida acadêmica através do sistema de cotas públicas; inclusão digital na sociedade e nas escolas brasileiras... Enfim, o vocábulo vem sendo proferido por muitas pessoas, talvez por estarmos justamente em um país onde são praticadas mais exclusões que inclusões. E, com isto, também se torna oportuno e pertinente dirigir o foco do presente estudo a favor da inclusão, no caso, a inclusão digital e a sua importância na escola pública para a formação de futuros cidadãos.

Encontra-se cada vez mais necessário discutirmos a inclusão digital nas escolas do nosso Brasil, levando em consideração que em muitos países o uso do computador e da internet pelos alunos é uma realidade vivida há tempos, ajudando de forma admirável no desenvolvimento humano e social desses educandos. Como professores e educadores, não podemos fechar os nossos olhos para tão importante questão. Vivemos em um contexto de mudanças em que a sociedade revê vários de seus conceitos e suas concepções. A sociedade busca sua afirmação em outros valores, mostra como uma das questões essenciais às capacidades de utilizar os recursos tecnológicos. O cidadão atual tem que possuir saberes que o habilitem a, por exemplo, extrair um saldo bancário de um terminal, operar um *Home Theater* ou DVD, manipular computadores e, principalmente, decidir sobre o seu futuro. Partindo desse ponto, a inclusão digital é deveras necessária.

Como educadores faz-se fundamental ter sempre claro que precisamos em nosso ambiente (de trabalho, religioso, social...) lutar para que as gritantes diferenças sociais que descambam sempre para desigualdades cruéis e humilhantes sejam colocadas de lado em prol do outro. E lembrando as palavras de Freire (2000, p.29), como mestres devemos lembrar que “devemos nos esforçar, com humildade, para diminuir ao máximo a distância entre o que dizemos e o que fazemos”. Considerando que “ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar” (BRANDÃO, 1989, p.7), podemos entender que a aprendizagem é constante e que ocorre em todo lugar, além de ser um processo dialético que precisa de outro homem (ou de outros homens) e também do mundo como elementos colaboradores do processo



cognitivo. O computador está inserido neste “mundo”. O professor da atualidade se desprende da característica tradicional, sendo um mediador, um facilitador, um investigador de possibilidades cognitivas. É aquele que “mais que ensinar, trata-se de fazer aprender (...) concentrando-se na criação, na gestão e na regulação das situações de aprendizagem” (PERRENOUD, 2000, p.139). O professor deve ajudar, estimular e ampliar os caminhos para se aprender. E o professor tutor que encontramos nos GECs abraça essa função de facilitador do saber, de mediador.

Conforme cita Almeida (1987, p.34) “os homens vão se tornando desiguais pela diferente apropriação que fazem do conhecimento tecnocientífico”. Essa separação entre os homens não pode ocorrer. Fica claro que a sociedade de informação é uma realidade dos nossos tempos. Todavia, também fica muito complicado querer uma tão defendida educação igualitária nas escolas públicas em todo o Brasil, quando existem abismos na educação, não permitindo sequer tentar nivelar o acesso à informação desses alunos de escolas públicas ao tipo de informação recebida pelos alunos do ensino privado.

Serpa (2000, p.198) mostra que “a revolução tecnológica das últimas décadas que provocou o aumento dos excluídos, viabilizou a ética da inclusão (mas para que se torne efetiva, será preciso transformar a prática das relações entre grupos sociais e indivíduos).”

De acordo com Silva (2005), a educação do cidadão não pode ser alienada ao que acontece de novo na sociedade:

A educação do cidadão não pode estar alheia ao novo contexto sócio-econômico-tecnológico, cuja característica geral não está mais na centralidade da produção fabril ou da mídia de massa, mas na informação digitalizada como nova infraestrutura básica, como novo modelo de produção. O computador e a Internet definem essa nova ambiência informacional e dão o tom da nova lógica comunicacional... (SILVA, 2005, p.63)

Para Silveira (2003, p.44-45) “incluir digitalmente é um primeiro passo para a apropriação das tecnologias pelas populações socialmente excluídas com a finalidade de romper com a reprodução da miséria”. De fato, seria um erro brutal concordar com tudo que vem sendo feito em termos de exclusão digital no Brasil. Não incluir é privar. Não incluir é podar. Não incluir é matar.

Com o projeto inovador da Prefeitura do Rio de Janeiro vemos o aluno como ser autônomo e atuante no processo educacional e, principalmente, incluído digitalmente. O aluno deixa de ser receptor de informações para tornar-se o responsável pela construção de seu conhecimento, usando o computador para buscar, selecionar, inter-relacionar



informações significativas na exploração, reflexão, representação e depuração de suas próprias ideias, segundo seu estilo de pensamento. Professores e alunos desenvolvem ações em parceria, por meio da cooperação e da interação com o contexto, com o meio e com a cultura circundante.

Chaves (1988) diz que embora não tenha provas contundentes a respeito do potencial do computador na educação, acredita que o contato regrado e orientado da criança no trabalho com o mesmo, pode contribuir positivamente para acelerar seu desenvolvimento cognitivo e intelectual, em especial no que concerne ao raciocínio lógico e formal, à capacidade de pensar com rigor e de encontrar soluções para os problemas.

Além de tudo, o computador exerce certo fascínio em nossos alunos, em nossas crianças. Sobre o caso, Papert (1996) relata:

Em toda parte do mundo há um amor apaixonado entre crianças e computadores. Trabalhei com crianças e computadores na África, na Ásia e na América; em cidades, subúrbios, fazendas e selvas. Trabalhei com crianças pobres e ricas; com filhos de pais letrados e analfabetos. Estas diferenças parecem não ter importância. Por toda parte, com muito poucas exceções, eu vi o mesmo brilho nos olhos, o mesmo desejo de se apropriar daquela coisa. (PAPERT, 1996, p.40)

Apostando nesse fascínio que as máquinas exercem sobre nossas crianças é que a Prefeitura do Rio de Janeiro lançou-se fundo nesse projeto audacioso e inovador. Por enquanto, o funcionamento de tais GECs está em fase experimental (como o próprio nome diz Ginásio ‘Experimental’ Carioca), mas pretende atingir todas as escolas da rede municipal até o ano de 2020.

#### **4. Respeito através de uma educação de qualidade**

O aluno da rede pública de ensino merece respeito, além de uma educação atualizada e moderna. Seja qual for o nível que este aluno se encontre, da educação básica até a educação superior, o respeito a sua formação é indispensável. Como afirma Loureiro (1999, p.6) “o computador não está chegando em nosso mundo, ele está no nosso mundo (...) e aqueles que não puderem tê-lo sentirão a sua falta, seja por ação da mídia ou por necessidade real”. Nessa história, seria justo continuar nos esquecendo desses alunos? A escola que não lhes dá a chance de se incluírem digitalmente é criminosa, destrói oportunidades, lesa cidadãos e mata sonhos.

Edgar Morin (2001) afirma que a função da escola é preparar a criança para a vida ou, enfim, ensiná-la a viver.

Para o pedagogo francês Georges Snyders (1991):

(...) quanto mais os alunos enfrentam dificuldades – de ordem física e econômica – mais a escola deve ser um local que lhes traga outras coisas. Essa alegria não pode ser uma alegria que os desvie da luta, mas eles precisam ter o estímulo do prazer. (SNYDERS, 1991, p. 160)

Neil Postman (2006) acrescenta que nada supera a boa e velha escola. Só na escola que os indivíduos aprendem, entre outras coisas, que as necessidades individuais estão subordinadas a interesses do grupo. A escola civiliza e socializa, pois a sala de aula destina-se a domar o ego, a ligar os indivíduos a outros, a demonstrar o valor e a necessidade da coesão do grupo.

João Luís Almeida Machado (2007), no site *Planeta Educação*, comenta que

Para muitas pessoas a palavra educação refere-se ao trabalho que se desenvolve no contexto das unidades educacionais que conhecemos mais popularmente como escolas. Desenvolve-se de forma organizada, em ambientes herméticos, que pouco ou nada se modificaram ao longo dos tempos. Utiliza uma dinâmica simplificada a partir de alguns elementos principais, a saber: aula expositiva, quadro negro (ou lousa), giz, livros didáticos, cadernos, lápis, borracha, canetas, régua,.. (MACHADO, 2007, p. 1)

E o referido autor continua pontuando em seu artigo:

Educação no mundo em que vivemos, pensada de forma concreta, tem que usar os mecanismos e ferramentas provenientes da ciência e do progresso humano; deve ser reflexiva, analítica e pensar o mundo e seus próprios processos com o apoio da filosofia e da história; tem que se assumir como instituição politizada, atuante e engajada e abandonar a falsa neutralidade que acomoda fraquezas e submissão; e, para complementar, deve aliar-se (nunca de forma incondicional, ou seja, tendo sempre o necessário espaço para compreender, criticar e sugerir mudanças em seus pares) as artes, as mídias e a cultura em geral para mostrar-se mais atualizada, preparada e fortalecida diante dos dilemas que se colocam no mundo em que vivemos... (MACHADO, 2007, p. 4)

Francisco Poli, secretário do sindicato dos diretores de São Paulo em 2004, diz que “a escola não substitui a família, mas pode ajudar muito se os alunos mais carentes tiverem aulas de inglês, informática ou passarem mais tempo nela”. Essa preocupação com o aluno mais tempo na escola é latente na prefeitura do Rio de Janeiro. Está deixando os alunos dos GECs mais tempo em sala de aula, ou seja, em horário integral, e em ambiente de aprendizagem e recreação.

Roberto Leher (2004), em artigo para o site socialista *Outro Brasil*, analisa a problemática histórica que gira em torno da educação pública:

Por ocasião dos debates sobre o futuro da luta pela educação pública no período imediatamente posterior ao fim da ditadura empresarial-militar, Florestan Fernandes indicou o que compreendia como um caminho estratégico: “um novo ponto de partida” para as lutas em defesa da escola pública. No cerne desse novo marco, estava a aliança dos educadores com os operários, camponeses e desvalidos (os “de baixo”, como costumava dizer). Duas décadas se passaram desde então e é forçoso constatar que caminhamos na direção oposta...

Demo (2006, p.31) diz que o pior de tudo é estigmatizar: “a escola pública tem decaído para escola pobre para o pobre. Quem pode, as evita.” Na mesma obra, mais a frente, Demo ressalta:

(...) comparamos sempre a situação da escola privada com a escola pública e tendemos a sacar desta comparação que a escola pública anda de mal a pior, porque os prédios estão mais velhos e mal cuidados, os espaços não são suficientes, os materiais impróprios ou mesmo inexistentes, a merenda é sofrível ou irregular, há excesso de alunos, etc. (DEMO, 2006, p.42)

Seu pensamento sobre a escola pública brasileira segue mais adiante:

(...) A imagem da escola pública é hoje muito negativa, porque oferece restos para uma população que é resto. Entendo que a escola pública é patrimônio crucial da cidadania popular e, para grande parte dos pobres, a única chance de ter alguma chance na vida. Esta chance, porém, só pode provir da aprendizagem bem feita (...). A escola que deixa o pobre na pobreza é uma fraude... (*idem*, 61-62)

Valle (2003) compara que enquanto as escolas particulares prezam a competitividade, porque o neoliberalismo sabe que a educação é fundamental para a produtividade, nas escolas públicas reina o ambiente de drástica e visível decadência.

A realidade é que para criarmos cidadãos de verdade precisamos oferecer também uma educação de verdade, sem falsear nada, com amplas oportunidades para que essas crianças formem sua identidade social e cultural de forma autônoma. É importante oferecer educação de qualidade, é importante oferecer caminhos para o aluno aprender a aprender. Ser incluído digitalmente ou ser um cidadão incluído de fato na sociedade atual não basta ter acesso a micros conectados à Internet. É preciso estar preparado para usar estas máquinas, não somente com capacitação em informática, mas com uma preparação educacional que permita usufruir de seus recursos de maneira plena, sendo um ser completo no que tange a oportunidades, respeito, crescimento humano e social. E por valorizar esse tipo de cidadão é que a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

está reformulando seus objetivos educacionais e seu método de ensinar aos meninos de hoje.

### **Considerações Finais**

Os Ginásios Experimentais e a Educopédia assumem uma espécie de reforma do ensino, um novo olhar dado pela Secretaria Municipal do Rio de Janeiro, num papel de responsabilidade na formação dos cidadãos. Nesse contexto, o método inovador da SME propõe o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), proporcionando a construção de conceitos e saberes por parte dos envolvidos no processo. Nos GECs existe muita ênfase dada ao uso da Internet e ao projeto Educopédia que, mediados pelo professor, promovem o envolvimento do aluno com as problemáticas da sociedade e da sua área de interesse, possibilitando discussões e pesquisas. Além do mais, esse ambiente proporciona a criação de um aluno mais independente e crítico, capaz de atuar significativamente em seu processo de construção do conhecimento.

As novas tecnologias de informação e comunicação estão presentes no dia a dia da sociedade contemporânea e a escola não pode mais evitar sua presença, além disso as políticas educacionais e os projetos do governo estão estimulando e viabilizando cada vez mais esta realidade. A aplicação e uso dos ambientes digitais e o direcionamento dos conteúdos para as realidades próximas aos conhecimentos, experiências e interesses dos alunos, mudam significativamente as relações, posturas e autoestima dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. A prática de ensinar é uma das tarefas mais antigas que temos, mantendo-se, em muitas escolas, de maneira tradicional até os dias atuais.

Essas novas propostas educacionais analisadas aqui envolvem mudanças significativas no processo ensino aprendizagem, representando um grande esforço dos professores do município do Rio de Janeiro juntamente à Secretaria de Educação carioca em superar deficiências. Chegam para exterminar a reprodução automática de formas antigas de ensinar, oscilando, entre seguir o livro didático ou os programas oficiais que listam conteúdos para todo o Brasil, desprezando, assim, as realidades dos alunos.

Porém, para obtermos a atenção dos alunos, não basta, apenas, formularmos conceitos junto a eles e entendermos esse espaço, devemos, sobretudo, fazer com que o aluno interaja com o conteúdo. Assim, com os GECs e com a Educopédia temos um novo modelo de educação que prioriza acima de tudo o educando em suas realidades e necessidades educacionais.

Nos GECs torna-se evidente que o modelo das aulas digitais constitui campo favorável nas escolas do Rio de Janeiro, procurando detalhar o seu uso e os processos pedagógicos que articulam os agentes na produção do sucesso escolar, reafirmando a implementação desta política pública nas escolas da cidade do Rio de Janeiro. Segundo os professores a Educopédia é uma ferramenta importante que auxilia no processo ensino-aprendizagem, estimula o aluno motivando-o a aprender, enriquece e diversifica as atividades, tornando as aulas mais dinâmicas e atrativas.

As aulas digitais do projeto Educopédia pela sua essência e metodologia de construção permite a professores e alunos um caminho reflexivo, combinando experiências de vida, cultura e valores, encaminhando o educando à construção, não só do saber, mas a sua identidade social e cultural para se reconhecer como um cidadão capaz de tomar decisões que podem transformar suas vidas presentes. Busca-se assim uma aprendizagem mais significativa, ao permitir que uma série de construções pessoais sejam feitas por todos os participantes e pelo grupo. Construções que vão desde produção de conhecimento, colaboração e compartilhamento das informações, experiências e conhecimentos adquiridos, uma vez que o uso de ambientes digitais é, entre outras, uma das possibilidades de ligação entre conteúdos, linguagem, problemas e diversidades.

### Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, F. **Educação e Informática**. Rio de Janeiro: Cortez, 1987.
- BRANDÃO, C. **O que é Educação?** São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CHAVES, E. **O uso dos computadores nas escolas: fundamentos e críticas**. São Paulo: Scipione, 1988.
- DEMO, P. **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda**. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- EDUCOPÉDIA. <http://www.educopedia.com.br/> Acesso em 20nov2013, às 23h.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo: Unesp, 2000.
- INSTITUTO DE CO-RESPONSABILIDADE PELA EDUCAÇÃO. **Missão e programa**. Disponível em: RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Geral de Educação. Carta aos professores. 2009.
- \_\_\_\_\_. Decreto Municipal nº 32672. Cria o Programa Ginásio Carioca no âmbito da Secretaria Municipal de Educação e dá outras providências. Diário Oficial do Rio. ano 24 n.105 de 19 de ago 2010.
- \_\_\_\_\_. Secretaria Municipal de Educação. Portaria E/SUBE/CED Nº07 de 13 de dezembro de 2010b. Estabelece a matriz curricular para o ensino fundamental e dá outras providências. Diário Oficial do Rio. Ano 24 n.181 de 14 de dez 2010 p.21.
- LEHER, R. [www.ipp.uerj.net/outrobrasil/docs/analise\\_leher\\_OUT\\_2006](http://www.ipp.uerj.net/outrobrasil/docs/analise_leher_OUT_2006). Acesso 20fev2011, às 20h.

LOUREIRO, R. **Reconhecendo a necessidade de mudanças**. Disponível em: [WWW.insoft.softex.br](http://WWW.insoft.softex.br). Acesso em 20nov2013, às 23h.

MACHADO, J. L. A. O que é educação? Reflexões necessárias sobre essa nobre área de atuação. In. Planeta Educação. 2007, p. 1. Disponível em:

<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/impressao.asp?artigo=781> Acesso: 07.03.2012, às 12:07

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

PAPERT, S. “A maior vantagem competitiva é a habilidade de aprender”. In: **Revista Super Interessante**. São Paulo, Abril, 1996. p. 27-30.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

POSTMAN, N. *neilpostmanonline*. [www.bigbrother.net](http://www.bigbrother.net). Acesso 18 jan 2007 às 13h

SERPA, L.F.P. “Realidade Virtual: novo modo de produção e paradigma”. In: **Informação e Informática**. Salvador: EDUFBA, 2000.

SILVA, M. “Internet na escola e inclusão”. In: **Integração das Tecnologias na Educação – Salto para o Futuro**. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

SILVEIRA, S. A. **Exclusão digital: a miséria na Era da Informação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

SNYDERS, G. **Série Ideias**. nº 11. São Paulo: FDE, 1991. pgs 159-164

VALE, R. **O conhecimento em ação: novas competências para o trabalho no contexto da reestruturação produtiva**. Rio de Janeiro: Relume/ Dumará, 2003.